

## A Evolução Demográfica em Portugal entre 1981 e 1992 (\*)

MARIA JOSÉ CARRILHO e JOÃO PEIXOTO (\*\*)

Em 31 de Dezembro de 1992 a população residente em Portugal foi estimada em 9 859 630 indivíduos, como resultado de um crescimento praticamente nulo em 1992 (0,04%). A taxa de crescimento efectivo resultou de um crescimento natural muito fraco (0,14%) e um crescimento migratório negativo (-0,10%). Este crescimento efectivo pode considerar-se, de acordo com os dados do Eurostat, dos mais baixos observados recentemente entre os países da União Europeia.

Alguns dos principais indicadores da evolução demográfica em Portugal nos últimos doze anos estão sintetizados no Quadro 1.

**QUADRO 1**  
Evolução da situação demográfica

Anos	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992
População Residente (milhares)												
30.VI	9 835,5	9 865,2	9 886,4	9 901,1	9 908,5	9 908,6	9 906,1	9 900,0	9 891,3	9 877,3	9 861,7	9 857,5
31.XII	9 852,0	9 878,4	9 894,3	9 908,0	9 909,1	9 908,1	9 904,0	9 896,1	9 886,6	9 867,9	9 855,4	9 859,6
Relação de Masculinidade (‰)	93,0	93,0	93,0	93,1	93,1	93,1	93,1	93,1	93,1	93,1	93,1	93,0
Nados Vivos (milhares)	152,1	151,0	144,3	142,8	130,4	126,7	123,2	122,1	118,5	116,3	116,3	114,9
Óbitos (milhares)	95,7	92,4	96,2	97,0	97,1	95,5	95,1	97,8	95,7	102,8	103,9	100,6
Saldo Natural (milhares)	56,3	58,6	48,1	45,8	33,4	31,2	28,1	24,2	22,7	13,5	12,4	14,3
Saldo Migratório (milhares)	-23,3	-32,2	-32,2	-32,2	-32,2	-32,2	-32,2	-32,2	-32,2	-32,2	-25,0	-10,0
Acréscimo Populacional (milhares)	33,0	26,4	15,9	13,6	1,2	-1,0	-4,1	-7,9	-9,5	-18,7	-12,6	4,3
Taxa de Crescimento Natural (‰)	0,57	0,59	0,49	0,46	0,34	0,31	0,28	0,24	0,23	0,14	0,13	0,14
Taxa de Crescimento Migratório (‰)	-0,24	-0,33	-0,33	-0,33	-0,32	-0,32	-0,32	-0,33	-0,33	-0,33	-0,25	-0,10
Taxa de Crescimento Efectivo (‰)	0,34	0,27	0,16	0,14	0,01	-0,01	-0,04	-0,08	-0,10	-0,19	-0,13	0,04
Taxa de Natalidade (‰)	15,5	15,3	14,6	14,4	13,2	12,8	12,4	12,3	12,0	11,8	11,8	11,7
Taxa de Mortalidade (‰)	9,7	9,4	9,7	9,8	9,8	9,6	9,6	9,9	9,7	10,4	10,5	10,2
Óbitos com menos de um ano	3 309	2 985	2 776	2 379	2 317	2 008	1 744	1 584	1 435	1 266	1 254	1 052
Taxa de Mortalidade Infantil (‰)	21,8	19,8	19,2	16,7	17,8	15,8	14,2	13,0	12,1	10,9	10,8	9,2
Taxa de Nupcialidade (‰)	7,8	7,5	7,6	7,1	6,9	7,0	7,2	7,2	7,4	7,3	7,3	7,1
Taxa de Divorcialidade (‰)	0,7	0,7	0,8	0,7	0,9	0,8	0,9	0,9	0,9	0,9	1,0	1,3
Nados Vivos Fora do Casamento (‰)	9,5	10,0	10,7	11,5	12,3	12,8	13,3	13,7	14,5	14,7	15,6	16,1

Notas:

- (1) Os efectivos populacionais encontram-se aferidos para os resultados pré-definitivos do Censo 91; o movimento natural exclui as «outras residências» e «ignorados».
- (2) O saldo migratório, para o período 1981 - 1990, representa a diferença entre o crescimento efectivo da população no período intercensitário e o saldo natural observado no mesmo período. Esta avaliação indirecta agrega os erros de cobertura de cada um dos Recenseamentos da população e foi, nesta fase, objecto de repartição uniforme ao longo do período.

Fonte: INE

A redução do saldo natural e os fortes saldos migratórios negativos são os aspectos que ressaltam desde logo na caracterização demográfica do período e determinam o crescimento quase nulo.

Na dinâmica do crescimento da população em Portugal, no período de 1981-1992, podem identificar-se três fases:

A primeira fase, que abrange os anos de 1981 a 1985, regista um desacelerar contínuo do ritmo de crescimento, evoluindo a população segundo taxas fracas (média anual de 0,18%). São os anos em que a redução do saldo natural foi menos acentuada; só a partir de 1982 a

(\*) Parte da informação apresentada neste texto foi oportunamente editada pelo INE in Série Estimativas Provisórias nº18, "Estimativas de População Residente segundo o sexo em 30.VI e 31.XII de 1992, por NUTS III, Distritos e Concelhos; e segundo o sexo, por idades, em 31.XII de 1992, por NUTS II e Distritos". A estrutura da população e os indicadores resultantes foram aferidos para os resultados pré-definitivos dos Censos 91 e, como tal, são provisórios.

(\*\*) Gabinete de Estudos Demográficos do Instituto Nacional de Estatística. Neste trabalho colaboraram Cristina Gonçalves, Lurdes Patrício e Rui Portela.

fecundidade deixou de assegurar a substituição de gerações, o que permitiu uma cobertura total do saldo migratório e, conseqüentemente, um acréscimo populacional, nesta fase, na ordem dos 90 100 indivíduos.

A segunda fase, de 1986 a 1990, é marcada pelo acentuar da tendência observada nos anos anteriores; a população evolui segundo taxas cada vez mais negativas. É o período em que os saldos naturais, como resultado da baixa de fecundidade, são cada vez mais insuficientes para anularem os fortes saldos migratórios.

Os anos de 1991 e 1992, que se identificam com a terceira fase, correspondem a uma retoma do crescimento da população, embora a níveis muito baixos; esta inversão de tendência no crescimento da população é justificada pela redução dos saldos migratórios. Em 1992, o saldo natural, apesar de persistir com valores extremamente baixos (14 300), é o mais elevado observado nos anos noventa (como consequência da diminuição da mortalidade registada naquele ano) e excedeu o saldo migratório.

No início da última década, Portugal parece querer recuperar o dinamismo do seu crescimento; é a situação que já ocorrera na segunda metade dos anos oitenta na Europa Ocidental e do Norte, bem como na América do Norte; essa foi a época em que os fluxos imigratórios se intensificaram para aqueles países como resultado de uma conjuntura económica que favoreceu a entrada de mão-de-obra estrangeira. Estas são as zonas geográficas de acolhimento tradicional para os emigrantes portugueses, o que justifica os fortes surtos emigratórios que o país sofreu, conforme o comprovam os últimos dados censitários e as estatísticas dos países de destino. A recessão económica actual é responsável pelo atenuar destas correntes migratórias.

As migrações internacionais continuam a ser a componente principal do crescimento populacional em Portugal.

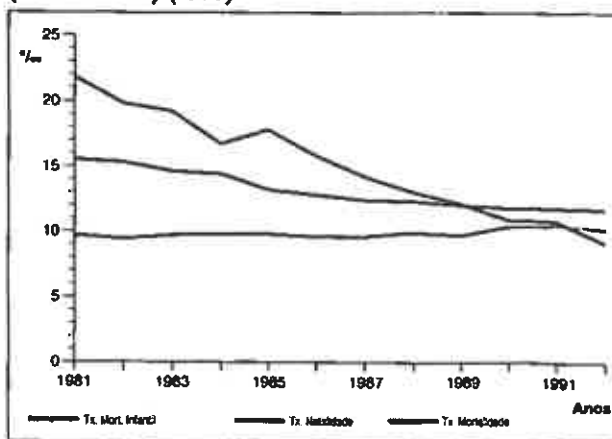
De 1981 a 1992, o saldo natural reduziu-se em 75%, passando de 56 300 para 14 300 indivíduos, como resultado de uma quebra da natalidade e de uma estabilização da mortalidade. No Gráfico 1 pode visualizar-se a evolução comparada da natalidade e da mortalidade nos últimos anos.

Os nados-vivos prosseguem a diminuição contínua registada desde 1981, para atingirem, em 1992, o valor de 114 900 indivíduos; a taxa de natalidade desce de 15,5‰ para 11,7‰, naquele período.

A proporção de nados-vivos fora do casamento não cessa de aumentar (9,5% em 1981) e representa, no momento, 16,1%, valor ainda inferior à média comunitária (19,5%). No seio da Europa do Sul, Portugal detém a maior proporção de nados-vivos fora do casamento.

A queda da fecundidade tem-se caracterizado pelo aumento da frequência dos primeiros nascimentos com vida: 44,5% do total dos nados-vivos em 1981 e 52,3% em 1992; ou seja, mais de metade dos nascimentos com vida representam o primeiro filho. Os nascimentos de segunda ordem têm mantido a sua importância relativa. A partir de 1986 começa a traçar-se uma tendência para a diminuição dos nascimentos de terceira ordem, proporção que actualmente atingiu os 9,3%. No que se refere à quarta ordem e superior estes representavam, em 1981, uma percen-

**GRÁFICO 1**  
Portugal – Evolução da Mortalidade e Natalidade (1981-1992) (‰)



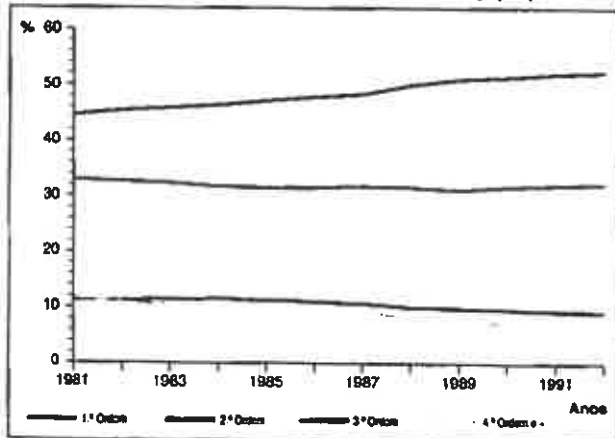
tagem ligeiramente superior à dos de terceira ordem; no presente não são mais que 6% do total dos nascimentos, ou seja uma redução de 45% em relação a 1981. A evolução destas variáveis pode ser visualizada no Quadro 2 e Gráfico 2.

**QUADRO 2**  
Nados vivos segundo a ordem de nascimento

Anos	Total	1ª ordem	2ª ordem	3ª ordem	4ª ordem e +	(%)
1981	100	44,5	32,9	11,2	11,5	
1982	100	45,3	32,6	11,2	10,9	
1983	100	45,8	32,3	11,4	10,6	
1984	100	46,3	31,7	11,5	10,5	
1985	100	47,1	31,5	11,3	10,1	
1986	100	47,8	31,5	11,0	9,7	
1987	100	48,3	31,8	10,7	9,2	
1988	100	50,0	31,6	10,1	8,3	
1989	100	51,0	31,1	9,9	8,0	
1990	100	51,4	31,7	9,7	7,2	
1991	100	52,0	32,0	9,4	6,6	
1992	100	52,3	32,2	9,3	6,3	

Fonte: INE

**GRÁFICO 2**  
Portugal – Evolução dos Nados-Vivos segundo a Ordem de Nascimento (1981-1992) (%)



Outro aspecto que caracterizou a fecundidade portuguesa nos últimos doze anos foi o seu envelhecimento: recuo da fecundidade dos jovens e passagem da maior frequência da fecundidade do grupo etário dos 20-24 anos para o dos 25-29 anos (ver Quadro 3).

Em 1981, data em que o número de crianças por mulher era de 2,1, ou seja, o necessário para assegurar a substituição das gerações, a taxa de fecundidade do grupo etário dos 15-19 anos era de 39,7‰ e a mais elevada situava-se no grupo etário dos 20-24 anos: 133,6‰. Em 1992, a fecundidade total atingiu o nível de 1,5 crianças por mulher e a taxa das camadas mais jovens desceu ao nível 22,7‰, enquanto a taxa mais elevada era pertença do grupo dos 25-29 anos e

situava-se nos 109,5‰. A fecundidade do grupo etário dos 20-24 anos passou de 133,6‰, em 1981, para 79,7‰, em 1992, ou seja uma redução de 40%. A taxa de fecundidade das mulheres com idades compreendidas entre os 30-34 anos, que se situava em 74,5‰, em 1981, passou para 67,4‰, em 1992, o que representa um aumento em relação ao ano anterior (65,2‰). A deslocação da idade de maior frequência começa a delinear-se no ano de 1986.

Os jovens casam-se cada vez mais tarde. Em 1981, os homens casavam-se pela primeira vez com 25,4 anos e as mulheres com 23,3 anos; desde 1984 que a idade média ao primeiro casamento não cessa de aumentar, coincidindo com o período em que se acentuou a diminuição dos nascimentos; o seu valor atinge, em 1992, os 26,4 anos para os homens e os 24,5 para as mulheres. Idêntica evolução se detecta na idade média ao casamento.

O retardar do casamento vem a reflectir-se no avanço da idade média da mulher ao nascimento do primeiro filho, que aumentou 1,4 anos no período de 1981 a 1992 e se situa, no

**QUADRO 3****Taxas de fecundidade por idades e índice sintético de fecundidade**

ANOS	TAXAS DE FECUNDIDADE POR IDADES (%)							Índice Sintético de Fecundidade *
	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	
1981	39,7	133,6	127,3	74,5	35,2	13,4	1,7	2.127
1982	39,5	131,3	125,6	73,7	33,8	11,6	1,5	2.071
1983	38,0	123,3	119,1	69,9	31,5	10,9	1,3	1.975
1984	37,5	120,5	116,8	68,5	30,8	9,8	1,1	1.889
1985	33,2	106,8	106,9	63,0	28,4	9,1	1,0	1.700
1986	31,0	102,9	103,8	61,6	26,6	8,4	0,9	1.627
1987	28,9	96,5	101,6	61,6	26,8	7,6	0,7	1.565
1988	27,4	94,1	102,7	61,3	25,5	7,1	0,7	1.534
1989	26,3	89,4	98,9	61,2	25,1	6,4	0,6	1.475
1990	24,6	84,7	99,7	61,8	24,4	6,1	0,5	1.509
1991	23,5	85,3	110,2	65,2	24,3	5,8	0,5	1.574
1992	22,7	79,7	109,5	67,4	24,0	5,6	0,4	1.546

Fonte: INE

Nota: Os dados para 1981-1990 e 1991-1992 não são rigorosamente comparáveis entre si. A estrutura etária utilizada para o cálculo dos indicadores até 1990 resulta ainda do Recenseamento de 1981, enquanto a estrutura de 1991-1992 está já aferida para os resultados pré-definitivos do Recenseamento de 1991. O ligeiro aumento da fecundidade observado no Quadro entre 1990 e 1991 pode não corresponder, pois, à realidade. A harmonização da série intercensitária será efectuada após ser conhecida a estrutura etária dos resultados definitivos do último Recenseamento.

\* Número médio de crianças por mulher.

presente, em 25 anos. A evolução das idades médias ao casamento e nascimento de um filho estão sintetizadas no Quadro 4.

O índice sintético de fecundidade, como atrás se viu, permanece abaixo do nível de substituição de gerações (2,1 crianças por mulher) e estimou-se, em 1992, em 1 546 crianças por 1 000 mulheres, nível que se aproxima da média estimada para a União Europeia, isto é, 1,5 crianças por mulher. No presente, Alemanha (1,3), Espanha (1,3), Itália (1,3) e Grécia (1,4), são os países que apresentam índices inferiores ao português.

Uma análise mais fundamentada do comportamento da fecundidade será feita quando as estimativas da população residente, segundo o sexo e por idades, para o período de 1981-92, estiverem ajustadas para os dados definitivos dos Censos 91.

De entre os factores explicativos da forte queda da fecundidade destacam-se o progresso no campo da mortalidade, sobretudo da mortalidade infantil; o retardar do casamento e, consequentemente, da idade média da mulher ao nascimento de um filho; a difusão dos métodos modernos de contracepção; a dificuldade dos jovens no acesso à habitação e ao primeiro emprego; o prolongamento da escolaridade obrigatória; o maior grau de instrução e a actividade profissional da mulher; a afirmação social e profissional do casal; o processo de urbanização e as correntes migratórias - o aumento da emigração, se não tiver contrapartida em imigração, provoca a saída de população em idade de procriar e uma consequente transferência de nascimentos.

Os factores explicativos da queda de fecundidade extravasam, pois, o campo puramente demográfico e devem ser identificados no contexto sócio-económico em que se tem desenvolvido a sociedade portuguesa.

O INE recolhe anualmente informação que lhe permite analisar o comportamento da fecundidade através do cálculo de taxas de natalidade, taxas específicas de fecundidade e do índice sintético de fecundidade; não dispõe, contudo, de elementos que permitam distinguir as causas do declínio da fecundidade que resultam de uma opção do casal ou de situação de

**QUADRO 4****Evolução da idade média ao casamento e ao nascimento de um filho (em anos)**

ANOS	Idade Média ao 1º Casamento		Diferença
	HOMENS	MULHERES	
1981	25,4	23,3	2,1
1982	25,3	23,2	2,1
1983	25,2	23,2	2,0
1984	25,4	23,4	2,0
1985	25,6	23,6	2,0
1986	25,7	23,7	2,0
1987	25,8	23,8	2,0
1988	25,9	23,9	2,0
1989	26,1	24,1	2,0
1990	26,2	24,2	2,0
1991	26,3	24,4	1,9
1992	26,4	24,5	1,9

ANOS	Idade Média ao Casamento		Diferença
	HOMENS	MULHERES	
1981	27,2	24,3	2,9
1982	27,1	24,2	2,9
1983	27,0	24,1	2,9
1984	27,2	24,4	2,8
1985	27,4	24,6	2,8
1986	27,5	24,6	2,9
1987	27,6	24,8	2,8
1988	27,7	24,9	2,8
1989	27,8	25,1	2,7
1990	27,9	25,2	2,7
1991	28,0	25,3	2,7
1992	28,1	25,4	2,7

ANOS	Idade Média da Mulher ao Nascimento de um Filho (em anos)	
	1º Filho	Um Filho
1981	23,6	26,6
1982	23,5	26,5
1983	23,5	26,5
1984	23,6	26,5
1985	23,8	26,6
1986	23,5	26,6
1987	24,1	26,8
1988	24,3	26,8
1989	24,5	26,9
1990	24,7	27,1
1991	24,9	27,2
1992	25,0	27,4

Fonte: INE

infertilidade. A identificação destas causas passa, necessariamente, pela realização de inquéritos específicos.

No que concerne à evolução da mortalidade registaram-se, em 1992, 100 600 óbitos de residentes em Portugal, ou seja, uma diminuição de 3% em relação ao ano anterior. A taxa bruta de mortalidade estabilizou, como se viu, à volta dos 10‰, entre 1981 e 1992 (10,2‰ em 1992). O declínio no campo da mortalidade infantil acentuou-se no último ano, situando-se a respectiva taxa, pela primeira vez, abaixo dos 10‰ (9,2‰) – ver Gráfico 1. No entanto,

Portugal continua a deter a taxa de mortalidade infantil mais elevada nos países da União Europeia, cuja média foi estimada, pelo Eurostat, em 7,4‰ para o ano de 1992.

A esperança de vida à nascença dos homens (ver Quadro 5) aproxima-se, em 1992, dos 71 anos (70,8 anos), sendo a das mulheres de 78,2 anos; a diferença entre os sexos agravou-se para os 7,4 anos; no contexto da Europa dos Doze, os homens e as mulheres portuguesas apresentam dos níveis mais baixos de duração média de vida. Os vários indicadores da mortalidade, por idades e sexos, resultantes das tábuas abreviadas de mortalidade em 1992, para Portugal, são apresentados nos Quadros 6 a 8. O agravamento do fenómeno da sobremortalidade está bem evidenciado na análise da mortalidade por idades para cada um dos sexos. A relação de sobremortalidade masculina aumenta desde a nascença até atingir, actualmente, o seu máximo à idade exacta dos 15 anos, ou seja, em 1992 o risco de morte ao atingir aquela idade é quatro vezes superior no homem do que na mulher; em 1981, esse máximo situava-se à idade dos 20 anos. A relação começa a baixar, mantém-se na faixa etária dos 25-39 anos sempre superior a três; até aos 79 anos o risco de morte é duplo para os homens.

#### QUADRO 5

Esperança de vida à nascença, por sexos (em anos)

SEXOS	1981	1991	1992
HM	71,8	73,9	74,5
H	68,3	70,3	70,8
M	75,3	77,5	78,2

Fonte: INE

#### QUADRO 6

Tábua abreviada de mortalidade, ambos os sexos - 1992

Idades	qx	px	dx	lx	Lx	Px	Tx	ex (anos)
0	0,00913	0,99087	913	100 000	99 139	0,989819 *	7 449 484	74,49
1	0,00291	0,99709	288	99 087	395 770	0,997239	7 350 345	74,18
5	0,00182	0,99818	180	98 799	493 543	0,998224	6 954 574	70,39
10	0,00173	0,99827	171	98 619	492 667	0,996847	6 461 031	65,52
15	0,00458	0,99542	451	98 448	491 113	0,994617	5 968 364	60,62
20	0,00619	0,99381	606	97 997	488 470	0,993574	5 477 251	55,89
25	0,00666	0,99334	649	97 391	485 331	0,992612	4 988 782	51,22
30	0,00812	0,99188	785	96 742	481 745	0,990938	4 503 451	46,55
35	0,01002	0,98998	961	95 957	477 380	0,988509	4 021 706	41,91
40	0,01298	0,98702	1 233	94 995	471 894	0,984269	3 544 326	37,31
45	0,01852	0,98148	1 736	93 762	464 471	0,977262	3 072 432	32,77
50	0,02704	0,97296	2 488	92 026	453 910	0,966193	2 607 960	28,34
55	0,04076	0,95924	3 650	89 538	438 565	0,949480	2 154 050	24,06
60	0,06069	0,93931	5 213	85 888	416 408	0,922822	1 715 486	19,97
65	0,09473	0,90527	7 642	80 675	384 271	0,877776	1 299 077	16,10
70	0,15260	0,84740	11 145	73 033	337 304	0,796933	914 806	12,53
75	0,26262	0,73738	16 253	61 888	268 808	0,674188	577 503	9,33
80	0,41150	0,58850	18 779	45 635	181 227	0,412923	308 694	6,76
85 +	1,00000	0,0	26 856	26 856	127 467		127 467	4,75

Fonte: INE

\* Probabilidade de sobrevivência à nascença

\*\* PO - 4

**QUADRO 7****Tábua abreviada de mortalidade, sexo masculino – 1992**

Idades	qx	px	dx	lx	Lx	Px	Tx	ex (anos)
0	0,00998	0,99002	998	100 000	99 516	0,989626 *	7 083 480	70,83
1	0,00359	0,99641	356	99 002	395 297	0,995800 **	6 983 964	70,54
5	0,00202	0,99798	199	98 646	492 735	0,997858	6 588 667	66,79
10	0,00227	0,99773	223	98 448	491 680	0,995161	6 095 932	61,92
15	0,00742	0,99258	728	98 224	489 300	0,991507	5 604 252	57,06
20	0,00958	0,99042	934	97 496	485 145	0,990029	5 114 951	52,46
25	0,01037	0,98963	1 001	96 562	480 308	0,988597	4 629 806	47,95
30	0,01245	0,98755	1 189	95 561	474 831	0,986350	4 149 499	43,42
35	0,01487	0,98513	1 403	94 371	468 350	0,983750	3 674 668	38,94
40	0,01765	0,98235	1 641	92 968	460 739	0,978215	3 206 318	34,49
45	0,02599	0,97401	2 374	91 327	450 702	0,968295	2 745 579	30,06
50	0,03757	0,96243	3 342	88 953	436 412	0,952535	2 294 877	25,80
55	0,05774	0,94226	4 944	85 611	415 698	0,928613	1 858 465	21,71
60	0,08587	0,91413	6 927	80 668	386 022	0,892556	1 442 767	17,89
65	0,13105	0,86895	9 664	73 741	344 546	0,837362	1 056 745	14,33
70	0,19899	0,80101	12 751	64 077	288 510	0,743959	712 198	11,11
75	0,32726	0,67274	16 797	51 327	214 640	0,612852	423 688	8,25
80	0,47617	0,52383	16 442	34 529	131 542	0,370757	209 049	6,05
85 +	1,00000	0,0	18 088	18 088	77 506		77 506	4,29

Fonte: INE

\* Probabilidade de sobrevivência à nascença

\*\* PO - 4

**QUADRO 8****Tábua abreviada de mortalidade, sexo feminino – 1992**

Idades	qx	px	dx	lx	Lx	Px	Tx	ex (anos)
0	0,00825	0,99175	825	100 000	99 623	0,991782 *	7 816 349	78,16
1	0,00219	0,99781	217	99 175	396 268	0,996979 **	7 716 726	77,81
5	0,00162	0,99838	160	98 959	494 393	0,998607	7 320 458	73,97
10	0,00117	0,99883	115	98 798	493 704	0,998590	6 826 065	69,09
15	0,00165	0,99835	163	98 683	493 008	0,997818	6 332 361	64,17
20	0,00271	0,99729	267	98 520	491 932	0,997152	5 839 354	59,27
25	0,00299	0,99701	293	98 253	490 531	0,996553	5 347 421	54,43
30	0,00391	0,99609	383	97 960	488 840	0,995351	4 856 890	49,58
35	0,00539	0,99461	526	97 577	486 567	0,993040	4 368 050	44,77
40	0,00854	0,99146	829	97 050	483 181	0,989899	3 881 482	39,99
45	0,01168	0,98832	1 124	96 222	478 300	0,985480	3 398 301	35,32
50	0,01739	0,98261	1 654	95 098	471 355	0,978539	2 920 001	30,71
55	0,02560	0,97440	2 392	93 444	461 240	0,967926	2 448 646	26,20
60	0,03872	0,96128	3 525	91 052	446 446	0,948761	1 987 406	21,83
65	0,06426	0,93574	5 625	87 526	423 570	0,910972	1 540 960	17,61
70	0,11549	0,88451	9 459	81 902	385 861	0,837352	1 117 389	13,64
75	0,21596	0,78404	15 645	72 443	323 102	0,715391	731 528	10,10
80	0,37217	0,62783	21 138	56 798	231 144	0,434062	408 426	7,19
85 +	1,00000	0,0	35 660	35 660	177 282		177 282	4,97

Fonte: INE

\* Probabilidade de sobrevivência à nascença

\*\* PO - 4

**QUADRO 7****Tábua abreviada de mortalidade, sexo masculino – 1992**

Idades	qx	px	dx	lx	Lx	Px	Tx	ex (anos)
0	0,00998	0,99002	998	100 000	99 516	0,989626 *	7 083 480	70,83
1	0,00359	0,99641	356	99 002	395 297	0,995800 **	6 983 964	70,54
5	0,00202	0,99798	199	98 646	492 735	0,997858	6 588 667	66,79
10	0,00227	0,99773	223	98 448	491 680	0,995161	6 095 932	61,92
15	0,00742	0,99258	728	98 224	489 300	0,991507	5 604 252	57,06
20	0,00958	0,99042	934	97 496	485 145	0,990029	5 114 951	52,46
25	0,01037	0,98963	1 001	96 562	480 308	0,988597	4 629 806	47,95
30	0,01245	0,98755	1 189	95 561	474 831	0,986350	4 149 499	43,42
35	0,01487	0,98513	1 403	94 371	468 350	0,983750	3 674 668	38,94
40	0,01765	0,98235	1 641	92 968	460 739	0,978215	3 206 318	34,49
45	0,02599	0,97401	2 374	91 327	450 702	0,968295	2 745 579	30,06
50	0,03757	0,96243	3 342	88 953	436 412	0,952535	2 294 877	25,80
55	0,05774	0,94226	4 944	85 611	415 698	0,928613	1 858 465	21,71
60	0,08587	0,91413	6 927	80 668	386 022	0,892556	1 442 767	17,89
65	0,13105	0,86895	9 664	73 741	344 546	0,837362	1 056 745	14,33
70	0,19899	0,80101	12 751	64 077	288 510	0,743959	712 198	11,11
75	0,32726	0,67274	16 797	51 327	214 640	0,612852	423 688	8,25
80	0,47617	0,52383	16 442	34 529	131 542	0,370757	209 049	6,05
85 +	1,00000	0,0	18 088	18 088	77 506		77 506	4,29

Fonte: INE

\* Probabilidade de sobrevivência à nascença

\*\* PO - 4

**QUADRO 8****Tábua abreviada de mortalidade, sexo feminino – 1992**

Idades	qx	px	dx	lx	Lx	Px	Tx	ex (anos)
0	0,00825	0,99175	825	100 000	99 623	0,991782 *	7 816 349	78,16
1	0,00219	0,99781	217	99 175	396 268	0,996979 **	7 716 726	77,81
5	0,00162	0,99838	160	98 959	494 393	0,998607	7 320 458	73,97
10	0,00117	0,99883	115	98 798	493 704	0,998590	6 826 065	69,09
15	0,00165	0,99835	163	98 683	493 008	0,997818	6 332 361	64,17
20	0,00271	0,99729	267	98 520	491 932	0,997152	5 839 354	59,27
25	0,00299	0,99701	293	98 253	490 531	0,996553	5 347 421	54,43
30	0,00391	0,99609	383	97 960	488 840	0,995351	4 856 890	49,58
35	0,00539	0,99461	526	97 577	486 567	0,993040	4 368 050	44,77
40	0,00854	0,99146	829	97 050	483 181	0,989899	3 881 482	39,99
45	0,01168	0,98832	1 124	96 222	478 300	0,985480	3 398 301	35,32
50	0,01739	0,98261	1 654	95 098	471 355	0,978539	2 920 001	30,71
55	0,02560	0,97440	2 392	93 444	461 240	0,967926	2 448 646	26,20
60	0,03872	0,96128	3 525	91 052	446 446	0,948761	1 987 406	21,83
65	0,06426	0,93574	5 625	87 526	423 570	0,910972	1 540 960	17,61
70	0,11549	0,88451	9 459	81 902	385 861	0,837352	1 117 389	13,64
75	0,21596	0,78404	15 645	72 443	323 102	0,715391	731 528	10,10
80	0,37217	0,62783	21 138	56 798	231 144	0,434062	408 426	7,19
85 +	1,00000	0,0	35 660	35 660	177 282		177 282	4,97

Fonte: INE

\* Probabilidade de sobrevivência à nascença

\*\* PO - 4

Os tumores malignos dos órgãos do aparelho digestivo e do peritôneo, da cavidade bucal e faríngea, as doenças isquêmicas incluindo os enfartes de coração, as doenças do aparelho digestivo e os acidentes de veículos a motor são as principais causas que, em 1992, justificam as desigualdades dos sexos perante a morte. De notar que, neste ano, 79% das mortes devidas a acidentes de veículos a motor envolvem os homens. A diferença é ainda mais flagrante quando se analisam as causas de morte nas camadas mais jovens (ver Quadro 9).

#### QUADRO 9

Óbitos por causas de morte. Acidentes de trânsito de veículos a motor

Idades	1981			1992		
	HM	H	M	HM	H	M
15 - 19	389	352	37	324	278	46
20 - 24	428	393	35	354	303	51
25 - 29	276	237	39	260	225	35
30 - 34	181	150	31	194	164	30
35 - 39	161	136	25	173	140	33
Tot. 15 - 39	1435	1268	167	1305	1110	195
Total	3340	2661	679	2774	2191	583

Idades	1981			1992		
	HM	H	M	HM	H	M
15 - 19	100	90,49	9,51	100	85,80	14,20
20 - 24	100	91,82	8,18	100	85,59	14,41
25 - 29	100	85,87	14,13	100	86,54	13,46
30 - 34	100	82,87	17,13	100	84,54	15,46
35 - 39	100	84,47	15,53	100	80,92	19,08
Tot. 15 - 39	100	88,36	11,64	100	85,06	14,94
Total	100	79,67	20,33	100	78,98	21,02

Fonte: INE

#### QUADRO 10

Estrutura por idades da população residente e índices resumo da estrutura etária, sexos reunidos, em 16.III.1981 e 31.XII.1992

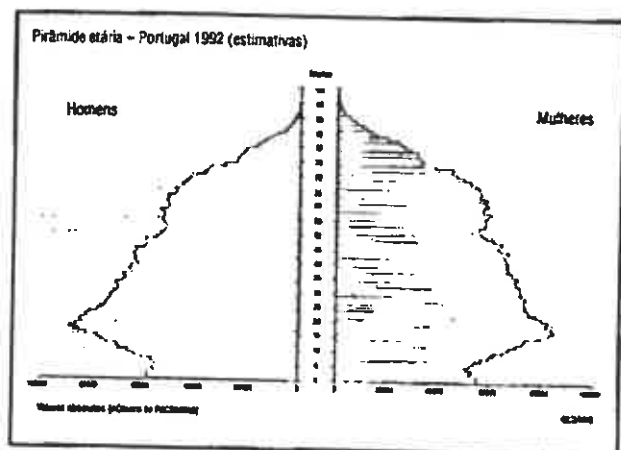
	1981	1992	Varição 81-92 (%)
Pop. 0 - 14	2 508 702	1 859 740	-25,9
%	25,5	18,9	
Pop. 15 - 64	6 198 869	6 611 350	6,7
%	63,1	67,1	
Pop. 65 +	1 125 443	1 388 540	23,4
%	11,4	14,1	
Índice de envelhecimento (a)	44,9	74,7	
Índice de dependência total (b)	58,6	49,1	
Índice de dependência jovens (c)	40,5	28,1	
Índice de dependência idosos (d)	18,2	21,0	

Fonte: INE

Notas:

$$(a) \frac{65+}{0-14} \times 100 \quad (b) \frac{(0-14) + (65+)}{15-64} \times 100 \quad (c) \frac{0-14}{15-64} \times 100 \quad (d) \frac{65+}{15-64} \times 100$$

**GRÁFICO 3**  
**Pirâmide etária 1992**



Os principais dados acerca da estrutura etária da população portuguesa entre 1981 e 1992 encontram-se no Quadro 10. A importância relativa dos jovens (0-14 anos) continua a baixar e representa, no presente, 18,9% da população total, contra 25,5% em 1981. Prossegue, simultaneamente, o aumento contínuo da proporção de indivíduos com 65 e mais anos na população total (14,1% em 1992, contra 11,4% em 1981). É o acentuar do fenómeno do envelhecimento demográfico, que se faz exclusivamente em detrimento da população jovem. A estrutura por idades da população portuguesa, em 1992, figura na pirâmide etária apresentada no Gráfico 3. Portugal quase atingiu, quer em termos de população jovem, quer em termos de população idosa, a média observada para a população dos

Doze.

As modificações ocorridas na estrutura etária fixaram uma nova distribuição dos diferentes grupos etários, bem expressa nos indicadores normalmente apresentados para medir o envelhecimento ou a juventude da população. Enquanto que, em 1981, por cada 100 jovens com menos de 15 anos existiam 44,9 pessoas com 65 e mais anos, estima-se que esta relação se tenha elevado a 74,7 em 1992.

A nova relação entre a população em idade activa (15-64 anos) e a população dependente (com menos de 15 anos e com 65 e mais anos) está também expressa no índice de dependência total, que desceu de 58,6 em 1981, para 49,1 em 1992.

A actual repartição etária resultou, sobretudo, da acentuada queda de fecundidade, dado que os ganhos no campo da mortalidade se têm observado em todas as idades e, sobretudo, em termos de mortalidade infantil, como já se referenciou.

Obviamente que, quando se desce a um nível geográfico mais fino, o comportamento demográfico português não é uniforme (ver Quadros 11 e 12).

**QUADRO 11**

**Estimativas de população residente por grandes grupos etários e sexos, em 31.XII.1992, por NUTS I e II**

NUTS I, II	População Total			0-14 anos			15-64 anos			65+ anos		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
Portugal	9 859 630	4 752 170	5 107 460	1 859 740	951 950	907 790	6 611 350	3 224 860	3 386 490	1 388 540	575 360	813 180
Continente	9 368 050	4 516 980	4 851 070	1 741 010	891 330	849 680	6 298 170	3 074 210	3 223 960	1 328 870	551 440	777 430
Norte	3 483 000	1 681 710	1 801 290	727 440	371 920	355 520	2 344 130	1 142 420	1 201 710	411 430	167 370	244 060
Centro	1 712 490	821 890	890 600	307 660	157 890	149 770	1 110 610	540 190	570 420	294 220	123 810	170 410
Lisboa e Vale do Tejo	3 293 500	1 582 840	1 710 660	559 010	286 620	272 390	2 279 560	1 110 950	1 168 610	454 930	185 270	269 660
Alentejo	537 020	262 280	274 740	88 220	45 050	43 170	341 310	169 400	171 910	107 490	47 830	59 660
Algarve	342 040	168 260	173 780	58 680	29 850	28 830	222 560	111 250	111 310	60 800	27 160	33 640
R. Autónoma Açores	237 840	117 390	120 450	60 320	30 900	29 420	147 870	74 040	73 830	29 650	12 450	17 200
R. Autónoma Madeira	253 740	117 800	135 940	58 410	29 720	28 690	165 310	76 610	88 700	30 020	11 470	18 550

Fonte: INE

## QUADRO 12

População residente por grandes grupos etários e sexos, em 31.XII.1992, por distritos

Distritos	População Total			0-14 anos			15-64 anos			65 + anos		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
Portugal	9 859 630	4 752 170	5 107 460	1 859 740	951 950	907 790	6 611 350	3 224 860	3 386 490	1 388 540	575 360	813 180
Contin.	9 368 050	4 516 980	4 851 070	1 741 010	891 330	849 680	6 298 170	3 074 210	3 223 960	1 328 870	551 440	777 430
Aveiro	658 300	319 060	339 240	132 310	67 700	64 610	446 000	218 180	227 820	79 990	33 180	46 810
Beja	166 470	82 340	84 130	27 360	13 970	13 390	104 340	52 900	51 440	34 770	15 470	19 300
Braga	754 760	365 810	388 950	175 700	89 830	85 870	503 590	244 960	258 630	75 470	31 020	44 450
Bragança	154 680	75 980	78 700	27 200	13 850	13 350	97 940	48 920	49 020	29 540	13 210	16 330
C. Branco	211 810	101 520	110 290	33 150	17 040	16 110	131 420	64 120	67 300	47 240	20 360	26 880
Coimbra	425 420	201 880	223 540	71 840	36 740	35 100	280 910	135 490	145 420	72 670	29 650	43 020
Évora	172 380	83 520	88 860	28 390	14 500	13 890	110 800	54 210	56 590	33 190	14 810	18 380
Faro	342 040	168 260	173 780	58 680	29 850	28 830	222 560	111 250	111 310	60 800	27 160	33 640
Guarda	185 410	88 600	96 810	31 550	16 000	15 550	113 630	55 380	58 250	40 230	17 220	23 010
Leiria	426 200	207 410	218 790	78 560	40 230	38 330	283 750	139 390	144 360	63 890	27 790	36 100
Lisboa	2 047 980	976 800	1 071 180	341 430	174 900	166 530	1 428 770	692 350	736 420	277 780	109 550	168 230
Portale.	132 400	64 060	68 340	20 550	10 620	9 930	82 060	40 260	41 800	29 790	13 180	16 610
Porto	1 651 970	797 520	854 450	339 080	173 680	165 400	1 141 300	556 520	584 780	171 590	67 320	104 270
Santarém	441 860	213 270	228 590	73 330	37 810	35 520	288 490	141 690	146 800	80 040	33 770	46 270
Setúbal	716 180	349 950	366 230	127 500	65 220	62 280	503 150	247 840	255 310	85 530	36 890	48 640
V. Caste.	248 290	114 120	134 170	47 930	24 420	23 510	157 860	72 850	85 010	42 500	16 850	25 650
V. Real	233 130	114 300	118 830	46 120	23 650	22 470	149 850	74 710	75 140	37 160	15 940	21 220
Viseu	398 770	192 580	206 190	80 330	41 320	39 010	251 750	123 190	128 560	66 690	28 070	38 620
R.A. Açores	237 840	117 390	120 450	60 320	30 900	29 420	147 870	74 040	73 830	29 650	12 450	17 200
R.A. Madeira	253 740	117 800	135 940	58 410	29 720	28 690	165 310	76 610	88 700	30 020	11 470	18 550

Fonte: INE

A maior ou menor incidência dos factores demográficos determinaram a actual repartição por sexos e idades das diferentes regiões e distritos portugueses.

A heterogeneidade do crescimento demográfico de cada região entre 1981 e 1992 está bem explícita nos Quadros 13 e 14. Ao longo do período é bem patente que as taxas de crescimento mais elevadas se situam nas regiões e distritos litorais, com relevo para a Península de Setúbal (taxas quase sempre superiores a 0,5% ao ano) e algumas regiões do Norte Litoral, tal como Cávado, Ave, Tâmega e Entre Douro e Vouga. Esta situação vem a confirmar-se, de um modo geral, quando se faz a análise distrital, com destaque para Setúbal, Aveiro e Braga. Em contrapartida, as regiões interiores apresentam sempre, entre 1981 e 1992, variações negativas - com a excepção, no Continente, de Dão Lafões. As Regiões Autónomas apresentam, por seu lado, valores que oscilam entre o negativo e o ligeiramente positivo.

Nesta análise, dever-se-à ter sempre presente a incerteza que a estimativa dos movimentos migratórios introduz nos números divulgados.

Os principais indicadores demográficos para os países da União Europeia, em 1991, encontram-se, finalmente, expostos no Quadro 15.

A comparação dos principais indicadores demográficos de Portugal e da União Europeia permite concluir que a demografia portuguesa se integra, actualmente, nos padrões europeus. Alguns desfazamentos se verificam, em particular na maior juventude e menor envelhecimento da população; maior mortalidade infantil e menor esperança de vida à nascença; ou diferentes atitudes perante o casamento e divórcio - maior nupcialidade e menor incidência da divorcialidade e dos nascimentos fora do casamento.

**QUADRO 13**

**NUTS III agrupadas por níveis de crescimento**

Taxas Anuais de Crescimento (%)	1981	1985	1990	1991	1992		
Negativas		Minho Lima Douro Alto T. Montes Baixo Mondego Pinhal Int. Norte Pinhal Int. Sul Dão Lafões Serra Estrela Beira Int. Norte Beira Int. Sul Cova Beira Médio Tejo Alentejo Litoral Alto Alentejo Alentejo Central Baixo Alentejo	Minho Lima Douro Alto T. Montes Baixo Mondego Pinhal Int. Norte Pinhal Int. Sul Dão Lafões Serra Estrela Beira Int. Norte Beira Int. Sul Cova Beira Grande Lisboa Médio Tejo Lezíria Tejo Alentejo Litoral Alto Alentejo Alentejo Central Baixo Alentejo Açores	Minho Lima Tâmega Douro Alto T. Montes Baixo Mondego Pinhal Int. Norte Pinhal Int. Sul Dão Lafões Serra Estrela Beira Int. Norte Beira Int. Sul Cova Beira Oeste Grande Lisboa Médio Tejo Lezíria Tejo Alentejo Litoral Alto Alentejo Alentejo Central Baixo Alentejo Açores Madeira	Minho Lima Douro Alto T. Montes Baixo Mondego Pinhal Int. Norte Pinhal Int. Sul Dão Lafões Serra Estrela Beira Int. Norte Beira Int. Sul Cova Beira Oeste Grande Lisboa Médio Tejo Lezíria Tejo Alentejo Litoral Alto Alentejo Alentejo Central Baixo Alentejo Açores Madeira	Minho Lima Douro Alto T. Montes Baixo Mondego Pinhal Int. Norte Pinhal Int. Sul Dão Lafões Serra Estrela Beira Int. Norte Beira Int. Sul Cova Beira Oeste Cova Beira Oeste Médio Tejo Lezíria Tejo Alentejo Litoral Alto Alentejo Alentejo Central Baixo Alentejo	
	0 - 0,49	Minho Lima Baixo Mondego Dão Lafões Oeste Grande Lisboa Lezíria Tejo Açores Madeira	Grande Porto Tâmega Baixo Vouga Pinhal Litoral Oeste Madeira	Cávado Ave Grande Porto Entre Douro Vouga Baixo Vouga Pinhal Litoral Algarve	Cávado Ave Grande Porto Tâmega Baixo Vouga Pinhal Litoral Algarve	Grande Porto Entre Douro Vouga Baixo Vouga Pinhal Litoral Grande Lisboa Península Setúbal Algarve Açores Madeira	
		0,5 - 0,99	Ave Grande Porto Tâmega Entre Douro Vouga Baixo Vouga Pinhal Litoral Algarve	Cávado Ave Entre Douro Vouga Península Setúbal	Península Setúbal	Entre Douro Vouga Península Setúbal	Cávado Ave Tâmega
			1,0 - 1,49	Península Setúbal Cávado			

Fonte: INE